

Conversando com Bronfenbrenner

Sílvia H. Koller

Fui apresentada à obra de Bronfenbrenner, em 1990, por Ângela Biaggio, em suas aulas de psicologia do desenvolvimento, durante meu curso de mestrado. Ela expunha sobre a teoria, mostrava o livro que ele escrevera em 1979, e apontava as críticas que o modelo teórico que postulava vinha sofrendo dos demais cientistas da área. Para mim, Bronfenbrenner era apenas mais um teórico polêmico naquele momento.

Em 1993, quando estava estudando no Arizona, tive a chance de ir ao congresso da *Society for Research in Child Development* (SRCD), em New Orleans (USA), no qual me deliciava com a possibilidade de ouvir os estudos mais recentes de muitos pesquisadores da área de desenvolvimento humano. Uma das sessões que assisti, no entanto, fez muito sentido para a minha vida. Foi um dos simpósios mais inovadores e fascinantes que qualquer um poderia imaginar, embora inusitado para um congresso científico. Os participantes apresentavam suas idéias como se estivessem em uma intervenção na escola, dramatizando papéis de pais, professores e técnicos, como em uma peça teatral. As discussões espontâneas entre eles refletiam a realidade de um conflito qualquer do cotidiano da escola, com alguns momentos tensos e exacerbados, e outros cômicos, que faziam a platéia participar. O papel do psicólogo era desempenhado por Bronfenbrenner, que espirituoso, irônico e dissimulado pregava com toda a “sabedoria que um psicólogo deve ter”, que os demais deveriam centrar-se apenas nos aspectos internos das pessoas envolvidas no problema abordado e tentar interpretar suas patologias. Com esta

atitude, renegando o contexto, as condições de vida dos envolvidos, a história de vida das pessoas, os processos ativos que ocorriam na escola e o momento da sociedade, conseguia apenas ser criticado, ridicularizado ou ignorado. Além do aspecto dramático e teatral, que rompia com os padrões esperados para um congresso científico, Bronfenbrenner encantou com a maneira criativa de mostrar o contraponto de suas idéias. Um psicólogo que não contextualiza o problema que aborda e que não sabe muito mais do que impor o seu conhecimento torna-se uma peça dispensável para tratar do conflito em seu contexto. O psicólogo que protagonizava, em uma atitude autoritária e de soberba, mostrava toda sua incapacidade de entender e abordar o fenômeno que era motivo da “reunião desta escola” e, portanto, permitia a Bronfenbrenner mostrar à sua platéia que seu modelo teórico ecológico poderia trazer muitas respostas.

Fiquei entusiasmada com o que assisti! Era uma psicologia assim que eu queria fazer! Algo que tivesse sentido e que pudesse fazer diferença na vida das pessoas! Queria ser uma psicóloga que chegasse mais perto das pessoas e de suas realidades, para trabalhar na promoção da melhoria da qualidade de vida, levando em conta os seus contextos de vida, suas histórias e seus processos de desenvolvimento. Assim, poderia melhorar também a minha qualidade de vida pessoal e profissional e me sentir realizada. Sai encantada e resolvi, então, conhecer o que ele escrevera, bem como as críticas que sofria, para poder fazer uma escolha bem embasada.

Em 1995, voltei a encontrá-lo, não lembro bem onde, mas creio que no congresso da International Society for Behavioral Research in Development (ISSBD), no Canadá. Então, como já conhecia suas idéias, aproximei-me dele, conversamos e tiramos fotografias para mostrar aos meus alunos, quando eu voltasse ao Brasil. Ele foi muito afável e reconhecido ao saber de minha admiração e interesse em seus estudos. Convidei-o a vir ao Brasil e ele me contou que já havia vindo e que adoraria voltar, mas como estava muito idoso temia comprometer-se e não poder cumprir. Ele me disse textualmente (o que traduzo aqui): “Minha amiga, estou naquela fase da vida em que a

pessoa agarra-se a um galho de um lado do rio, sem ter a certeza de que chegará ao outro!”, polidamente agradecendo o meu convite. Deu-me seu cartão de visitas e pediu que eu enviasse uma cópia da foto que tiramos juntos. Qual não foi minha surpresa, quando em 1997, em Washington, em outro congresso da SRCD, encontro com ele no corredor e ele me diz: “Eu sei quem você é! Tenho uma foto sua no meu *office!*” Senti meu coração palpitar forte e seguimos juntos, conversando sobre meus interesses de pesquisa e as idéias de aplicação de seu modelo teórico nos contextos brasileiros, especialmente com populações em situação de risco social e pessoal.

Passamos a trocar muitas mensagens eletrônicas frequentes. À medida que mais lia, aprendia sobre suas idéias e discutia com meus alunos, mais perguntas eu tinha para fazer. A cada nova mensagem um novo questionamento e a certeza de que podia contar com ele. E, em 2002, resolvi visitá-lo em *Cornell University* (Ithaca, NY). Estive, então, longamente com ele, tentando buscar respostas para uma lista de perguntas e inquietações que vinha colecionando ao longo das pesquisas e intervenções que fazia junto às equipes do CEP-RUA. Muitas vezes discutíamos sobre suas idéias e sobre o temor de fazer alguma interpretação equivocada do que ele escrevera. Durante a visita, Bronfenbrenner percebe nitidamente meu reconhecimento, afeto e admiração e se surpreende ao repetir idéias de sua obra e me ouvir completá-las ou desafiá-lo com mais um questionamento. Repete o que sempre escrevia em suas mensagens eletrônicas: “Suas questões são sempre intrigantes!”

Conversamos por longas horas, almoçamos juntos, andamos de ônibus, trabalhamos, contamos nossas histórias, falamos de nossos idiomas e nossos povos, caminhamos pela universidade, pela rua e por sua comunidade. Vivemos o seu cotidiano, enquanto eu vivia o meu sonho. Todo o tempo ríamos muito, trocávamos carinhos e eu absorvia ávida e solenemente sua sabedoria. Estou certa que ele foi nutrido do meu encantamento e reconhecimento por ter feito tanta diferença em minha trajetória profissional e pessoal. Conteí mais a ele sobre os estudos do CEP-RUA, dos alunos que o admiravam e

discutiam suas idéias, dos demais colegas brasileiros que encontraram na sua teoria uma forma de melhorar a qualidade de vida de muitos e de fazer sentido para sua pesquisa acadêmica.

Nesta visita, pude conhecer Bronfenbrenner como uma pessoa simples e cheia de vida, que quer ser feliz e quer fazer diferença. Ele tem aquela vaidade bondosa, de quem se alegra por ser prestigiado, mas quase não entende bem o porquê. Sorri largamente para as fotografias que eu faço e dá gargalhada ao me ver buscando um novo ângulo para eternizá-lo em imagens. Chora, emocionado, ao gravar uma mensagem para seus amigos brasileiros, a quem não conhece pessoalmente. Responde às minhas questões inquietas, quase se surpreendendo por estarem sendo feitas. Busca, na memória, as suas próprias idéias, tentando fazer sentido e contextualizar (e não poderia ser diferente) o que propõe. Mostra-me sua vida, sua casa, seu *office*, suas fotos nas paredes (nossa foto juntos está lá!). Tem alegria em me apresentar sua secretária que o acompanha por tantos anos e hoje resolve a maioria dos seus problemas burocráticos na universidade. Alegra-se mais ainda por me levar para sua casa e conhecer sua Liese, sua germânica companheira de vida. Mostra-me seu álbum de fotografias, sua família, cada um dos membros de sua família – muitos filhos e netos, contando-me um pouco de cada um deles. Diz que não é sua culpa que apenas um deles tenha se transformado em psicólogo. Lembra com Liese da casa do lago e me permitem compartilhar com eles deste momento de suas doces lembranças.

Liese é forte, jovem, um pouco dura em sua voz. Dá passos largos que a distanciam dos que a seguem e parece apoiar-se fortemente no chão. Representa um pilar na vida de Bronfenbrenner, dos filhos e netos, evidenciando claramente isto na convivência cuidada que tem com ele. Ela é só cuidado, e eu me sinto incluída em seu carinho, ao saber que ela fez questão de ter a visita de alguém que vem de tão longe. Bronfenbrenner olha para ela com amor e doçura, aproxima-se sempre e a acaricia. Esta relação definitivamente faz com que ele coloque tanto sentido e amor no seu trabalho. Sinto-me privilegiada por compartilhar com eles esta intimidade, em um

momento de minha própria vida, em que posso entender plenamente o que sentem e o que trocam.

Bronfenbrenner comenta feliz que eu pronuncio corretamente o seu nome e repete que isto o agrada muito, porque a sonoridade da voz é algo que o encanta. Chamo-o, então, carinhosamente de “tio Bronfy”, contando que assim nos referimos a ele no CEP-RUA. Ele ri muito! Acrescento na brincadeira uma história que sempre contamos aqui, que a primeira palavra que Andressa, filha de Clarissa, uma de minhas alunas, e André, aprendeu a falar foi: “Bronfenbrenner!” Ele ri mais ainda e até se emociona! Aparece, de novo, a vaidade bondosa de ser reconhecido e o sentimento de que valeu a pena!

A linguagem é algo muito importante para ele hoje, e isto se faz evidente pela necessidade constante de traduzir em russo, sua primeira língua, palavras e expressões que aparecem em nosso diálogo. Ele menciona diversas vezes o seu gosto em ouvir a sonoridade da própria voz falando inglês. Diz que isto é fruto de sua herança russa, idioma que lhe dá esta harmonia e melodia tão diferenciada do que ele chama de “pragmatismo americano”. Parece que a sua vida passa mais fortemente agora a ter sentido se falada no seu idioma da infância.

O tema da língua pátria faz com que lembre sua mãe. Emociona-se e reconhece que a amou e compreendeu melhor depois que ela morreu. Afirma que reconhece em si a sua influência e que só depois que ela se foi pode entender bem o que significava. Diz que ela era “sutilmente tenaz”, que lhe presenteou com o idioma russo para a vida. Ser russo está profundamente relacionado com a sua identidade hoje. Fala-me, também, sobre seu pai, com profunda admiração e transparente carinho. Salienta que seu pai era como ele: “Um cientista!” Sabia latim e grego e lhe exigia disciplina e dedicação no estudo. Desenvolveu nele a curiosidade sagaz de desvelar o seu contexto e os mistérios que a ciência poderia tentar decifrar.

Bronfenbrenner não esconde neste período de convivência que os anos são idos para ele. Sua memória está cansada, mas seu senso de realidade, de justiça e de humanidade está desperto e francamente ativo! É crítico e ágil em suas palavras e ações. Utiliza subterfúgios

e estratégias para superar as dificuldades da idade com sucesso. Mais uma vez ele é um exemplo de vida.

O período da visita vai terminando. No último dia caminhamos juntos até o ponto de ônibus. Ele se preocupa em me dar uma nota de um dólar para facilitar o troco. Foi o dólar mais difícil de gastar em toda a minha vida! Quando o ônibus chega, mais uma vez, ele faz questão de dar instruções ao motorista para me deixar em um lugar seguro, de onde eu teria acesso mais fácil ao meu destino. Desta vez, no entanto, segura a porta do ônibus com as duas mãos e põe o rosto para dentro, como se ao segurá-la pudesse prolongar a minha presença que lhe parecia gratificar tanto. O motorista diz que precisa fechar a porta. Ele reluta um pouco, mas se afasta! Eu lhe aceno e exclamo em voz alta: *“I love you!”*, ao que ele prontamente responde: *“I love you, too!”* Mais uma vez, e agora juntos, eu e ele estávamos sendo cúmplices e rompendo com padrões em um contexto norte-americano. O ônibus vai se distanciando e eu olho para trás emocionada, querendo muito intimamente que haja mais uma chance de nos encontrarmos. Reconheço, no entanto, que este foi um bom momento da minha vida para falar e sentir este amor. Eu estava definitivamente tornando um dos meus sonhos em realidade.

Bronfenbrenner é lindo e cheio de amor! É um privilégio conhecê-lo pela ciência e as oportunidades da vida terem me permitido privar de sua presença. A experiência, no entanto, faz com eu volte para casa mais responsável e completamente decidida a perpetuá-lo. Meu compromisso é infinito! Preciso, junto aos meus alunos, preservar a espécie dos “bronfenbrennerianos”, como brincamos eu e o colega Ruy Krebs. Somos responsáveis por reconhecer a dignidade e a grandeza do nosso ídolo, trabalharmos para o desenvolvimento de suas idéias, reconhecermos as lacunas que precisam ser preenchidas e motivarmos muitos novos estudiosos a dar continuidade no que ele iniciou. Portanto, minha alegria se multiplica ao escrever com meus alunos e colegas bronfenbrennerianos este livro, que é uma tentativa de cumprir a missão do CEP-RUA, que trouxe comigo como meta desde a visita ao nosso querido Bronfenbrenner.

Para finalizar este capítulo, transcrevo a mensagem que Bronfenbrenner gravou para seus amigos brasileiros, aqui traduzida por mim, durante a minha visita, no dia 11 de julho de 2002, às cinco horas da tarde em seu *office* em Cornell University:

“Hoje é um dia memorável! Há momentos na vida, quando você descobre e vive isto! E eu tenho tido esta experiência também em outras culturas. Mas hoje é um dia mágico, porque eu conheci uma pessoa e eu fui apresentado a ela e aos seus estudantes e descubro, de alguma maneira, que eles fazem, o que o título deste livro que eu estou escrevendo, diz *making human beings human* (fazendo seres humanos humanos¹). E vocês, todos vocês, parecem ter maravilhosas habilidades, interesses e caráter. Como se pode explicar que se cultivem mentores especiais, assim como na literatura, na história e na arte? Isto me levar a pensar em vocês como pessoas que eu já conheço, que são meus amigos, e eu espero que o dia possa chegar para eu conhecer mesmo a meus amigos! Mas eu duvido muito! Mas você sabe, em minha idade, os dias são números, e numerados por natureza. E eu tenho evitado o efeito último, por mais tempo que muitos, mas este efeito é inevitável, e é provável que seja logo. Assim eu lhes envio um abraço! Se eu pudesse, eu os abraçaria, mas é um pouco difícil a esta distância. Muito obrigado!” (Faz uma pausa e continua apontando para seus olhos.) “E você pode notar meu lado russo: Lágrimas! Quando minhas lágrimas vêm sou não-americano (*un-American*)! É engraçado, porque claramente este é um efeito biológico. Por que o sistema nervoso reage assim? Mas a resposta é que acontece, quando você conhece um ser humano que é humano. Todos os tipos de sentimentos vêm e as lágrimas aparecem, porque uma pessoa está

¹ Bronfenbrenner, U. (2004). *Making human beings human*. London: Sage.

registrando minha voz e está tirando minhas fotos, tocando o meu coração. Sou assim! Muitos me criticaram por eu não escrever cientificamente. Eles dizem que eu traí a verdade deles – o padrão! Eu não me preocupo! Bem, obrigado por ter vindo! Você viu meu mundo agora. Muitos de nossos colegas se tornaram meus seguidores, sem terem me conhecido pessoalmente. Mas antes de você ir eu queria ouvir o que você disse mais cedo. Por favor, repita: – você mudou nosso modo de olhar o mundo. Eu quero ter uma cópia de sua gravação com sua voz dizendo isto. Este é o tipo de informação que não é publicada em revistas científicas. Russos são emocionais como eu e você e diriam o mesmo com os seus corações. Este é o modo que nós falamos sobre nossos sentimentos. Eu posso, por exemplo, falar mais facilmente sobre minha esposa em russo, porque nós amamos um ao outro, nós chegamos o mais perto um do outro que duas pessoas podem chegar. Você sabe, atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher, mas ela sempre está ao meu lado e, às vezes, eu venho depois dela. As mulheres podem fazer o que elas decidem que querem com um homem; elas têm muito mais competências e perspicácia no campo dos sentimentos. Bem, aqui eu estou no fim de minha vida, mas, como você pode ver, ainda vivo! O que eu sou é um resultado de minha cultura. Eu tenho que dizer agora, como nós dissemos em russo – *naká* – que significa: até nosso próximo encontro! Esta expressão tem a conotação de que nosso encontro não termina aqui! Isso é viver! Obrigado!”